Loucos pela X

As Autoras

Janaina Mattos

Socióloga, mestranda em Administração Pública e Governo pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo - Fundação Getúlio Vargas.

Verena Pinto

Aluna do curso de Administração de Empresas da Escola de Administração de Empresas de São Paulo - Fundação Getúlio Vargas.

LOUCOS PELA X

Apresentação

A maneira de tratar pessoas portadoras de transtornos mentais tem mudado muito no Brasil desde a década de 70, quando surge e logo ganha força um movimento chamado *Luta Antimanicomial*. Desde aquela época, importantes conquistas legais já puderam ser celebradas pelos militantes da Luta, algumas delas aceleradas graças a denúncias e escândalos veiculados em variados meios, inclusive a grande mídia, sobre a inumana situação de alguns dos mais importantes hospitais psiquiátricos do país. A exibição pública daquela situação contribuiu então, não só para sensibilizar a população para o problema, como para a aprovação de soluções legais favoráveis às reformas.¹

A proposta da *Luta Antimanicomial* está ancorada, grosso modo, na criação de uma rede de atendimento que ofereça alternativas de tratamento de acordo à gravidade do caso, evitando sempre que possível a prática da internação e o abuso de medicamentos². O movimento acabou dando origem à Reforma Psiquiátrica em andamento hoje no país, que, coordenada pelo Ministério da Saúde e inspirada em parte pela experiência italiana³, preconiza, além da progressiva substituição do modelo asilar por serviços de atenção à saúde mental territoriais⁴ e abertos, a reabilitação psicossocial⁵ e a inclusão social de portadores de transtornos mentais.

Experiências inovadoras envolvendo serviços públicos de saúde mental vêm sendo realizadas no país buscando promover a cidadania dos usuários de serviços de saúde mental, freqüentemente ignorada pelo modelo tradicionalmente adotado por nossa sociedade na sua relação com a loucura, baseado na internação e no excesso de medicações, muitas vezes indicados sem real necessidade.

1 Sobre o hospital Anchieta ver Boletim Dicas nº65, de 1996, em www.polis.org.br.

Sobre o Juquery, ver trabalho disponível em www.usp.br/jorusp/arquivo/1999/jusp478/manchet/rep_res/rep_int/univers2.html).

2 Na década de 70, havia um recurso federal denominado FAS – Fundo de apoio social, que apoiava a abertura de hospitais, e que deu origem a muitos hospitais psiquiátricos, num fenômeno apelidado “fábrica da loucura”.

3 sobre a reforma psiquiátrica no Brasil ver www.ifb.org.br

4 “O termo território no campo da saúde tem origem na experiência italiana, quando se identifica a necessidade de reestruturar e subdividir os serviços de atenção em saúde mental por regiões da cidade, criadas a partir de critérios demográficos e de pertencimento subjetivo dos seus moradores. O conceito de território não diz respeito apenas à divisão espacial da cidade em bairros e distritos, mas sim às referências sócio-geográfico-culturais construídas subjetivamente pelos indivíduos em sua relação com a cidade.” (www.ifb.org.br)

5 “Compreende-se a reabilitação psicossocial como um conjunto de ações e intervenções produtoras de sentido, de valor social e de trocas afetivas e materiais envolvendo além dos usuários, familiares e trabalhadores de saúde mental, a comunidade como um todo.”

O Projeto de Saúde Mental de Belo Horizonte, por exemplo, e sua escola de samba *Antes Tarde Que Tan Tan* foi reconhecido em 1998, pelo Programa Gestão Pública e Cidadania, como um dos cinco destaques daquele ano por suas conquistas na promoção de direitos nessa área⁶.

No município de São Paulo, o samba reaparece como um elemento importante na reabilitação psicossocial de portadores de transtornos mentais por meio do trabalho e do convívio social. Nos referimos ao projeto carnaval e à ala “Loucos pela X”, uma parceria do CECCO – Centro de Convivência e Cooperativa do Jaçanã-Tremembé, do serviço de saúde mental do distrito de Jaçanã Tremembé, com uma importante escola de samba da cidade, o Grêmio Recreativo e Escola de Samba X9 Paulistana.

O CECCO é um órgão da Prefeitura Municipal de São Paulo criado especialmente para promover a inserção psicossocial de usuários dos serviços de saúde mental do município, num modelo de atenção baseados nos princípios da Luta Antimanicomial e da Reforma Psiquiátrica. Criados durante a primeira administração do Partido dos Trabalhadores em São Paulo, ainda com a prefeita Luisa Erundina, a proposta parece haver ficado subsumida devido à descontinuidade administrativa e à implantação do PAS, e só agora vem sendo retomada e dotada de recursos para seu efetivo funcionamento. Há atualmente dezenove CECCOs espalhados pela cidade.

Aparentemente, os CECCOs não costumam operar em instalações próprias. Dessa forma, alguns funcionam hoje em parques municipais, como o Parque do Ibirapuera, por exemplo, onde há um equipamento desse tipo e ,outros, em unidades básicas de saúde, caso das unidades Jaçanã-Tremembé e Freguesia do Ó. Embora não seja exatamente uma novidade, ressaltamos, no entanto, o caráter inovador do trabalho dos CECCOs por vários motivos, que serão apresentados no decorrer deste pequeno relatório.

Contexto

O município de São Paulo, apesar de toda sua riqueza e importância econômica, se caracteriza por grande desigualdade social, reproduzida no precário acesso da população aos serviços públicos de saúde. A condução da política municipal de saúde, nos anos recentes, redundou na existência de uma gestão dos serviços de saúde caracterizada por carência crônica e a má utilização de recursos. A municipalização dos serviços de saúde responsáveis pela atenção básica foi implantada em 2001, primeiro ano da administração atual do Partido dos

⁶ Ver Mizocvsky, 1999

Trabalhadores, mas somente em agosto de 2003 o município assumiu a gestão plena do sistema de saúde.

No final de 1995, havia sido implantado no município o “Plano de Assistência à Saúde - PAS”, em que cooperativas de profissionais de saúde passaram a ser as responsáveis pela gerência dos serviços de assistência municipais. O PAS instalou 14 cooperativas médicas, priorizando-se o atendimento médico em detrimento de uma abordagem integrada dos problemas de saúde.

No novo desenho, adotado pela gestão atual, o município foi dividido em 39 distritos de saúde⁷, que passam a ser os órgãos de coordenação e de regulação do sistema em territórios definidos. Foram também criados dez Postos Avançados de Serviço, responsáveis pelas atividades de natureza essencialmente administrativas, com o objetivo de agilizar as providências essenciais ao funcionamento dos serviços.⁸

A estrutura organizacional adotada pretende conferir maior autonomia das equipes locais no desenho das ações a serem implementadas e pressupõe importantes mudanças no modelo de gestão da Secretaria. Com a gestão plena do sistema, a SMS torna-se diretamente responsável pela maior parte dos serviços públicos de saúde da cidade e pela gestão da assistência suplementar prestada pelos serviços privados que participam do SUS, o que deve agilizar o atendimento, já que hospitais municipais, estaduais e filantrópicos terão somente um administrador de vagas, neste caso a Prefeitura de São Paulo.⁹

Saúde mental

O município dispõe atualmente de 1.100 leitos psiquiátricos inseridos no SUS, e conta hoje com aproximadamente 300 pacientes-moradores¹⁰ em hospitais psiquiátricos, distribuídos em instituições estaduais e conveniadas. Segundo a prefeitura, para substituir aqueles leitos que não oferecem tratamento adequado aos pacientes, o município deverá investir em novos leitos psiquiátricos em hospital geral.¹¹

Uma alternativa às internações, mais adequada aos princípios da reforma psiquiátrica, tem sido a abertura dos CAPS - Centros de Atenção Psicossocial, um serviço ambulatorial que

7 Cada distrito engloba uma população de aproximadamente 250 mil pessoas

8 Escrivão Junior, Álvaro e Kudzielicz, Elisabete. S/d

9 Idem

10 Considera-se morador o paciente cuja família não aparece por mais de seis meses para visitar e não é localizada.

11 Página oficial da Secretaria Municipal de Saúde

atende pacientes com distúrbios mentais graves, evitando assim internações desnecessárias, e que é integralmente financiado pelo Ministério da saúde. Com infra-estrutura adequada, um CAPS pode oferecer tratamento farmacológico e psicoterápico, e mesmo alguns leitos para casos mais graves, cuidando dos seus usuários em crise, evitando grande parte das internações em hospitais e mantendo os pacientes nas suas comunidades. Dessa forma é possível que o vínculo familiar seja mantido.

Os CAPS devem também coordenar e realizar parte do trabalho de reabilitação dos pacientes mais graves e crônicos, reinserindo-os na comunidade. A proposta da prefeitura de São Paulo, cujos aspectos inovadores são discutidos neste documento, é que os CAPS funcionem articulados com os CECCOs – Centro de Convivência e Cooperativa e com recursos da própria comunidade (associações, ONGs) e de outros setores do serviço público (escolas, casas de cultura, bibliotecas, centros esportivos) para que os pacientes não fiquem confinados aos espaços restritos ao tratamento, incluindo aqueles que oferecem atividades variadas, como parece ser o caso de alguns CAPS, e que acaba reforçando estigmas e preconceitos, além de recriar espaços de segregação.

A saúde mental na zona norte da cidade de São Paulo

A história de inovações nos serviços de saúde mental na zona norte da cidade de São Paulo parece ter sido iniciada bem antes de seu encontro com a Escola de Samba X9 Paulistana. Paralelamente aos acontecimentos no complexo Anchieta, em Santos, ainda nos anos 80, é inaugurada uma emergência psiquiátrica no conjunto hospitalar do Mandaqui, um importante equipamento público da região. O serviço foi então instalado junto ao atendimento geral, o que já representava um avanço em relação a práticas anteriores e contribuía para dar visibilidade a uma população tradicionalmente apartada, até mesmo dos demais serviços de saúde.

Naquela época, segundo afirmam alguns entrevistados, havia dificuldades de aceitação do novo modelo de atendimento a transtornos mentais também entre os próprios profissionais da saúde, principalmente de outras áreas.

Nesse meio e contexto nasce o ambulatório de saúde mental do Jaçanã, resultado de uma mobilização em torno do fechamento de um hospital psiquiátrico que funcionava na região em convênio com o INAMPS, fechado por decisão de seus proprietários. Por volta de 1996, o serviço no ambulatório do Jaçanã estava em pleno funcionamento, chegando a registrar quase seis mil pacientes, dos quais aproximadamente mil e quinhentos permaneciam em atividade.

Os pacientes iam ao ambulatório, inicialmente, para a psicoterapia, a consulta médica, e para receberem os remédios. Depois voltavam para suas casas, onde permaneciam até a próxima consulta. Essa situação levou a equipe a buscar alternativas para a oferta de outras atividades, como oficinas (dança, reciclagem de papel, etc), inicialmente realizadas somente nas instalações do ambulatório.

As pessoas permaneciam por várias horas nas instalações do ambulatório, participando das diversas oficinas, que chegaram a ser treze em algum momento. Mas novamente a equipe percebia problemas, pois além de não avançar na promoção de uma inserção social mais ampla, o lugar passava a ser identificado pelas pessoas da comunidade como a “casa dos loucos”, mantendo a tradicional segregação.

Durante um curso de especialização em saúde mental realizado na USP, os coordenadores do Jaçanã estabelecem uma relação de trabalho com a coordenação do CECCO Freguesia do Ó e da Associação 18 de Maio, iniciando-se um vínculo que tem gerado várias propostas de trabalho em comum, dentre elas o projeto de geração de renda vinculado ao carnaval e a outras atividades realizadas pelo grupo.

A participação no curso e o contato com a equipe da Freguesia do Ó, somados ao rápido fechamento de muitos hospitais¹² e ao conseqüente aumento na demanda, e de demandas, levou-os então a defender a extinção do ambulatório e a adoção do atual modelo de atendimento extra-hospitalar para a saúde mental na região, com a criação do CAPS e a recuperação e fortalecimento do CECCO.

O Ambulatório deixa então de existir em 25 de outubro de 2002 e são criados dois serviços: um CAPS, instalado num imóvel alugado pela prefeitura, e um CECCO, na ocasião da visita de campo ainda sem instalação definitiva. A partir daí, a equipe do CECCO passou a buscar parcerias e um local adequado para a realização de suas atividades.¹³

O manto do Rosário

A quadra da escola de samba X9 Paulistana fica no bairro de Chácara inglesa, zona norte da cidade, próximo ao extinto presídio do Carandiru. O tema para o carnaval de 2002 era a história do papel. O carnavalesco, Lucas Pinto, havia pensado também em homenagear o

12 Segundo o dr. Leo, psiquiatra entrevistado na visita de campo, havia, nos anos 70, por volta de 42 mil leitos no estado de São Paulo, e hoje são 16 mil, sendo que nove mil são moradores dos hospitais.

13 Na ocasião da visita de campo, estava em andamento o aluguel, pela prefeitura, de uma casa grande e aparentemente adequada para o funcionamento do CECCO Jaçanã Tremembé num pequeno bairro de classe média da região, o Jardim Guapira, um bonito lugar, junto a uma pequena praça.

artista sergipano Artur Bispo do Rosário, que vivera por longos cinquenta anos internado num manicômio judicial na cidade do Rio de Janeiro, e que realizara, naquele período, lindas obras de arte, muitas delas feitas de papel. Algumas dificuldades, porém, acabaram por fazer o carnavalesco mudar de idéia e optar pela história do papel, deixando adormecida a história do Bispo do Rosário.

Não muito longe dali ficava o ambulatório de saúde mental do Jaçanã, e uma das diversas atividades ali realizadas era a fabricação de papel reciclado. Além de finalidades terapêuticas, a fabricação do papel significava uma alternativa de geração de renda para alguns dos usuários, como são ali chamados os pacientes da saúde mental pelos membros do próprio grupo.

O carnavalesco da X9, Lucas Pinto, ficou então sabendo da existência do grupo do ambulatório por meio de um amigo que tinha em comum com o Dr. Léo, psiquiatra do serviço. Ao conhecer então o trabalho, resolveu utilizar o papel em fantasias e alegorias do desfile. A X9 comprou muitas folhas do papel reciclado produzido pelo grupo do ambulatório, o que foi muito bom, pois gerou renda para aqueles que trabalharam. E mais do que isso, criou-se ali um elo importante¹⁴. A comunidade do ambulatório foi então convidada pela escola a compor uma ala especial para desfilar no carnaval daquele ano.

O serviço aceita o convite, principalmente por dois motivos: algumas vezes baterias de escolas de samba haviam se apresentados em eventos naquela comunidade, e a equipe observava que eram ocasiões de boa interação dos pacientes com a comunidade e vice-versa. Esse poderia, portanto, ser mais um caminho para a consolidação das tentativas de inserção dos usuários em atividades externas, orientadas pela reabilitação psicossocial. E por último, era uma oportunidade de geração de renda para o grupo.

Inspirados então pelo carnavalesco e pela história de Artur Bispo do Rosário, o grupo do ambulatório cria uma fantasia inspirada na principal obra do artista¹⁵, o *Manto da Apresentação*, com o qual ele costumava dizer que iria se apresentar a Deus no dia do juízo final.¹⁶

Loucos pela X

A ala *Loucos pela X* é composta por funcionários, usuários e familiares do CECCO Jaçanã-Tremembé e aberta à população em geral. Os usuários desfilam com o valor de suas fantasias subsidiado pela venda das outras fantasias da ala para o público em geral, o que acontece durante

14 Sobre elos, ver Veronika Paulics, 2003, dissertação de mestrado

15 ver foto anexada a este documento

16 Disponível em http://www.proa.org/exhibicion/inconsciente/salas/id_bispo_1.html

os ensaios, quando as fantasias ficam expostas na quadra da escola para serem escolhidas pelos participantes da festa. Para que as fantasias possam ser subsidiadas, há vinte vagas para o desfile disponíveis para usuários do CECCO, mas até o momento não houve demanda reprimida, todos aqueles que quiseram puderam desfilar. A ala realiza também alguns eventos (festas juninas, churrascos) na quadra da escola com a finalidade de arrecadar verbas para o projeto.

A primeira experiência da ala foi muito bem-sucedida, os integrantes estavam bem ensaiados, a roupa estava bonita, a ala integrou-se à escola, e no final ainda recebeu destaque oficial da escola pela animação e evolução exemplares. Pela qualidade de sua participação, o grupo foi então convidado pela diretoria da X9 a assumir a coordenação de uma ala permanente, o que já acontece no ano seguinte.

Em 2003, segundo ano de sua participação no desfile da X9, a ala Loucos pela X desfilou na segunda posição na avenida, vestida de Oxum¹⁷, a fantasia mais elaborada daquele ano, e antecedendo a bateria da escola. Importa ressaltar que no universo do carnaval essa conquista representa a confiança da diretoria da escola no desempenho da ala, não somente na avenida, mas também em relação ao compromisso com a qualidade e a entrega das fantasias a tempo.

Para confeccionar as fantasias, no primeiro ano do projeto, 2002, o grupo montou um ateliê no interior do ambulatório. E, além de confeccionar as fantasias, a ala foi também incumbida de participar dos ensaios para aprender a coreografia e o samba-enredo, o que era um desfile, uma ala e como se conduzir na escola e num desfile com 4 mil componentes. A fase preparatória do carnaval serviu também para que a equipe do serviço de saúde mental aprendesse a lidar melhor com as características dos usuários naquelas circunstâncias.

Cem fantasias foram vendidas então para convidados, quase todos profissionais dos serviços de saúde mental. E outras vinte foram distribuídas gratuitamente aos usuários que quisessem desfilar. Mas, com o fechamento do ambulatório e sem um novo local para a instalação, a equipe do CECCO se viu sem um lugar adequado para o trabalho. A solução encontrada pelo grupo foi então alugar um espaço numa casa particular da região, que serviu para a confecção das fantasias e para as reuniões do grupo, durante o primeiro semestre de 2003.

Funcionamento

Estão diretamente envolvidas na operação do projeto seis pessoas, sendo cinco mulheres e um homem. Os profissionais do CECCO coordenam todas as atividades. O público-alvo são os

17 entidade do candomblé

usuários do CECCO: usuários dos serviços de saúde mental e população em geral. As atividades do projeto carnaval consistem em toda a preparação que antecede o desfile, incluindo o trabalho com as fantasias, o calendário de festas e eventos da escola (escolha de samba-enredo, de fantasias), ensaios no espaço do CECCO, na quadra da escola de samba e no sambódromo do Anhembi, e os desfiles da escola no carnaval.

O principal critério para participação no grupo de trabalho é ser usuário do CECCO e estar fora do mercado de trabalho. As fantasias são integralmente confeccionadas pelos usuários, remunerados por dia de trabalho, pelo valor de mercado do carnaval. Há 20 usuários trabalhadores (remunerados) e 6 usuários voluntários (não remunerados) participando do Barracão. Nos dois anos do projeto foram confeccionadas apenas as fantasias da ala *Loucos pela X*: 120 no ano de 2002 e 100 no ano de 2003, de acordo com o número de componentes da ala, que varia a cada ano segundo as necessidades da escola.

Freguesia do Ó

O trabalho de campo incorporou também uma visita ao CECCO da Freguesia do Ó, que fica em outro distrito, mas com a qual a equipe do Jaçanã mantém estreitos vínculos de trabalho, principalmente por ambas participarem da Associação 18 de maio. Naquele bairro, o CECCO funciona também nas instalações de uma UBS, em uma sala maior e aparentemente mais adequada em comparação àquela do Tremembé. Na UBS da Freguesia do Ó, o CECCO pode utilizar também outras instalações do equipamento, como salas, jardins e até mesmo a cozinha para a fabricação de pães, bolachas e biscoitos, que são vendidos ali mesmo na parte da manhã e também em feiras e eventos da cidade. Além disso, na Freguesia do Ó, para a realização de suas atividades, a equipe conta também com alguns equipamentos da igreja católica, que cede uma sala para o funcionamento da *Associação 18 de Maio*, e de outras organizações locais, como a associação Tijolinho, que cede uma sala para o tai chi chuan, e a Casa de Cultura da Freguesia do Ó, equipamento municipal localizado na região, utilizado para atividades de teatro coordenadas por uma das funcionárias do CECCO.

Recursos

O pleno funcionamento de um CECCO implica necessariamente em localização e instalações adequadas ao desenvolvimento de atividades variadas e num quadro multidisciplinar de profissionais.

A equipe do CECCO do Jaçanã é composta por uma psicóloga, uma assistente social, uma fonoaudióloga, um motorista e dois funcionários administrativos. Na Freguesia do Ó, a equipe

é composta da mesma forma. Ambos os serviços encontram-se atualmente instalados em unidades básicas de saúde, mas no Jaçanã, como já foi dito, a perspectiva para o curto prazo é o aluguel de um imóvel que deverá servir somente para o funcionamento do CECCO. O Poder Público Municipal participa do financiamento do trabalho por meio da oferta de infraestrutura e do pagamento dos servidores envolvidos.

No projeto do carnaval, o gasto anual varia de acordo com o número de usuários remunerados e o custo da fantasia, e as fontes de recursos financeiros limitam-se à venda de fantasias (80% do orçamento de 2003) e à colaboração eventual de pessoas físicas (15% do orçamento de 2003) e pessoas jurídicas.

Parcerias

Além da equipe do Jaçanã e da diretoria da X9, importa destacar a participação da equipe do CECCO Freguesia do Ó e da Associação 18 de Maio, organização não-governamental responsável pelo projeto de geração de renda que inclui, entre outras ações, o projeto carnaval. O CECCO é responsável pela coordenação de sua equipe; as ações da Associação 18 de Maio, pelo coletivo de participantes da ONG (incluindo trabalhadores, usuários e familiares); e as ações da X9 são coordenadas pelo presidente e a diretoria da agremiação. Essa comunidade realiza também assembléias e reuniões periódicas para tomada de decisões relativas ao carnaval.

Tanto na Freguesia do Ó, como no Jaçanã, as equipes utilizam equipamentos da comunidade local, como a igreja, centros espíritas, associações comunitárias, entre outros, para a realização de algumas de suas atividades. Várias colaborações pontuais vêm também ocorrendo, como por exemplo, o desconto oferecido por uma empresa de churrasquinhos da região para a realização de festas na quadra da escola, ou a doação de recursos para a compra de equipamento de encadernação, realizada pela Cáritas. O Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e o Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo (5% do orçamento em 2003) cederam verba para alimentação nos dias de desfile. O Sindicato dos psicólogos, que em breve irá completar 30 anos, propôs também a realização de uma festa com apresentação da ala e renda revertida para o projeto. Além disso, uma amiga do carnavalesco da X9 também deverá reverter parte da renda de um espetáculo teatral no qual atua para o projeto carnaval.

Resultados

A ala Loucos pela X concretiza a parceria entre o poder público e organizações autóctones da sociedade civil para a construção de redes territoriais e comunitárias de sustentação para a

garantia dos direitos de uma população específica - pessoas portadoras de transtornos mentais -, tradicionalmente excluída do convívio social devido a suas diferenças.

O projeto contribui visivelmente para a construção de redes sociais e para a reconstrução de identidades, além de gerar renda para aqueles que participam nos grupos de trabalho. Vale lembrar que o acesso a renda costuma ser um importante fator de empoderamento para populações tradicionalmente excluídas, contribuindo para que os usuários dos serviços de saúde mental possam reconquistar seu lugar na família e na sociedade de maneira geral.

O trabalho realizado nos CECCOs parece contribuir também para ampliar o universo dos participantes, levando-os a conhecer outros espaços na cidade, e mesmo do país. Exemplo disso são as feiras típicas da cidade, da qual participam eventualmente, ou também de uma exposição que deverá acontecer nos próximos meses no Centro Cultural da cidade, onde as fantasias da Loucos pela X estarão expostas e a equipe estará lá para contar a história do projeto durante a exposição.

Cabe destacar também a participação de duas usuárias do CECCO Jaçanã no Conselho Municipal de Saúde, como representantes da saúde mental, que chegavam recentemente de um encontro de saúde na cidade de Brasília. A participação política também parece representar um importante mecanismo de inserção social e a plena cidadania, principalmente para aqueles cujas vozes têm sido por tanto tempo caladas, como tem sido o caso dos pacientes da saúde mental. E parte dessa conquista também parece resultar da atuação das equipes dos CECCOs, pelo menos no caso daqueles visitados nesta pesquisa.

No projeto carnaval foram diretamente beneficiados, em 2003, vinte usuários trabalhadores e seis voluntários no Barracão, e mais vinte usuários que não participaram do projeto de trabalho, mas sim das demais atividades, incluindo o desfile no carnaval. No grupo de trabalho há onze mulheres e quinze homens, que receberam em 2003, cada um, pelo trabalho nas fantasias, R\$ 50,00 por semana. E no desfile, dentre os pacientes, há mais onze mulheres e nove homens. Esses números se referem somente ao projeto do carnaval, que envolve em torno de 10% da comunidade do CECCO, formada por aproximadamente 400 pessoas. Muitos usuários do CECCO não participam do projeto carnaval, alguns porque não gostam, outros porque a família não autoriza e outros ainda por razões religiosas, influência aliás bastante freqüente na periferia, segundo os coordenadores do projeto.

Apesar de se tratar de uma população na sua maioria pobre, a experiência do CECCO Jaçanã com a escola de samba X9 Paulistana está baseada em ações aparentemente destituídas de

caráter assistencialista, no sentido ruim do termo, ou seja, não parece haver ali vestígios de caridade. Pelo contrário, a participação se dá pelo trabalho ou pelo prazer de desfilar, e não por benefícios do tipo cestas básicas ou similares, propondo novos modelos também para os serviços públicos de assistência social.

Outro resultado importante é que as reuniões do CECCO tiram as pessoas de suas casas não somente para ir ao médico, mas também para realizarem atividades que fazem sentido para elas. E, por último, vale destacar o impacto positivo que os novos modelos de atendimento na saúde mental acarretam na redução de custos de tratamento, devido à queda no número de internações e na prescrição abusiva de medicamentos.

Dificuldades

É difícil saber quais serão as políticas favorecidas com infra-estrutura adequada para seu funcionamento no novo desenho da saúde no município de São Paulo. E esse parece ser o maior problema da comunidade do CECCO Jaçanã-Tremembé no momento e provavelmente de muitos outros na cidade. Infelizmente, além da unidade da Freguesia do Ó, não foi possível incorporar, nesta pesquisa, a visita de campo aos demais CECCOs existentes no município para conhecer sua situação.

Do mesmo modo, é igualmente difícil avaliar a atuação da Secretaria de Saúde do município no que diz respeito ao trabalho realizado nesses CECCOs da zona norte da cidade. Porque o fato é que, apesar da promessa de aluguel da casa¹⁸, na ocasião da visita a equipe do Jaçanã não dispunha de nenhum lugar para trabalhar, tendo nos recebido em uma pequena sala da unidade básica de saúde do Tremembé, onde não cabia sequer uma fantasia inteira.

Na Freguesia do Ó, as condições parecem melhores, mas em ambos os casos não há verbas disponíveis, por exemplo, para o pagamento dos chamados oficineiros, previstos no desenho original dos CECCOS, e que deveriam realizar atividades com os usuários do serviço, ficando a oferta condicionada à habilidade dos técnicos, como assistentes sociais, fonoaudiólogos, etc, cada um ensinando aquilo que sabe.

Além disso, a utilização dos equipamentos da UBS da Freguesia do Ó para a realização das atividades do CECCO parece também condicionada à boa vontade do diretor da unidade, que nesse caso específico é favorável à proposta da equipe, o que pode não se verificar em outras

18 Na ocasião da visita de campo, estivemos no local onde deverá ser alugada a casa, mas o funcionário da imobiliária levou a chave errada e não pudemos ver a casa por dentro. Mas todos afirmam que o aluguel da casa sai mesmo, inclusive Roberto Tykanori, diretor de saúde mental do município, com o qual nos reunimos.

unidades, ou seja, é uma alternativa ainda não devidamente institucionalizada, o que a descaracteriza em parte como política pública.¹⁹

Outra grande dificuldade é a permanência do preconceito e o risco da segregação, que repercute no cotidiano desses serviços. É preciso atenção permanente para evitar que os equipamentos de saúde mental sejam identificados como redutos da loucura. Esse é, aliás, um dos grandes desafios dos CECCOs.

Perspectivas

A proposta do grupo do Jaçanã é profissionalizar o carnaval e usar esse conhecimento também para outros trabalhos, como a composição de cenários, confecção de fantasias em geral e outras atividades afins.

A expectativa é de, aperfeiçoando e profissionalizando o saber adquirido na experiência com o carnaval, poder se desvincular do Centro de Convivência como projeto terapêutico, para transformá-lo num meio concreto, talvez em formato de cooperativa, para a geração de renda permanente. Alguns de seus componentes, incluindo profissionais do CECCO, participam atualmente de um curso de economia solidária promovido pela Secretaria Municipal do Trabalho o que deve ajudar na escolha do melhor formato a ser adotado nesse sentido.

O grupo espera “que a X9 seja seu prazer, que seja sempre sua companheira”, como declara uma das pessoas entrevistadas. Mas, a partir daquilo que realizaram na fantasia do desfile de 2003, aquelas pessoas sabem que são capazes de assumir e cumprir seus compromissos, e estão dispostas a fazê-lo²⁰.

Para os coordenadores dos serviços de saúde mental do município, a experiência do Jaçanã representa um exemplo concreto de ação que, além de sugerir modelos a serem expandidos no futuro, apresenta também resultados de impacto já no cenário atual. A prefeitura vem realizando fóruns temáticos com os servidores da essa área, com a proposta de trocar informações, contatos e experiências. Nesses eventos, o trabalho do Jaçanã é apresentado como um exemplo para outros distritos, por sua capacidade de identificar recursos locais e saber articulá-los.

19 Criados na administração Erundina, os CECCOS foram desenhados originalmente para funcionar em equipamentos públicos como parques e praças, e não em unidades de saúde. A proposta sempre foi de promover a inserção social das camadas mais fragilizadas da população.

20 Todos contam, orgulhosos, que dois antes do desfile não havia mais trabalho, pois todas as fantasias já estavam prontas, o que não parece ser comum no carnaval, em que as coisas costumam ficar prontas quase sempre na última hora.

Outra possibilidade para a consolidação de práticas como a do CECCO Jaçanã-Tremembé decorre da participação de alunos de quinto ano de psicologia da UNIBAN para estágio no projeto, que recebe também alunos de um programa de especialização em psicologia institucional promovido pela FUNDAP – Fundação de Apoio à Pesquisa, que participam por dois anos de todas as atividades do atendimento, incluindo o CAPS, a UBS e o CECCO. No projeto carnaval há uma aluna que prepara atualmente seu trabalho de conclusão de curso baseado na experiência do Jaçanã e no impacto das mudanças no modelo de atenção na saúde mental na vida das pessoas.

O universo

O universo encontrado na visita de campo é formado por pessoas, em sua maioria, na faixa dos quarenta anos. Em termos de gênero, o grupo pareceu equilibrado. De maneira geral, as pessoas parecem estar bem, em condições de conduzirem suas vidas diante das circunstâncias a que se encontram expostos. São conscientes de que são portadoras, cada uma delas de transtornos específicos (depressão, síndrome do pânico, transtorno bi-polar, etc) como também é específica a história de vida de cada uma.

As equipes municipais de saúde mental, cuja idade oscila entre os trinta e os cinquenta anos, desde a equipe do Jaçanã até os coordenadores da saúde mental da Secretaria de Saúde do município, apesar de todos os problemas que enfrentam, aparecem bastante motivadas, muito articuladas com demais atores de suas comunidades, bastante qualificadas, e cuja prática é coerente com o discurso oficial da secretaria de saúde do município para a saúde mental, veiculado, por exemplo, pelo portal da prefeitura na internet.

Durante a visita de campo, todos os usuários presentes foram entrevistados e suas falas registradas em gravações.

A primeira entrevistada foi a moça que mostra, em foto anexa a este documento, a fantasia do manto do Artur Bispo do Rosário. Com aproximadamente 40 anos, conta que já tomou vários eletrochoques em sua vida, e já passou por várias internações. Segundo ela alguns eletrochoques foram mesmo necessários, o que foi questionado posteriormente pela psicóloga coordenadora do projeto. Atualmente aposentada, vive com uma avó, de mais de oitenta anos, e um tio portador de diabetes, e afirma cuidar de ambos. Para complementar a renda necessária a suas necessidades, vende cosméticos, camisetas, etc. Ela é uma das pessoas que participam hoje do Conselho Municipal de Saúde. Aparentemente, e segundo ela mesma, muito capaz.

Outra pessoa entrevistada também participa do Conselho Municipal, e tem por volta de 45 anos. É casada e tem filhos adultos. Ela afirma haver construído, a partir das relações de vizinhança e de sua atuação como líder comunitária, uma rede de sustentação no território que auxilia sua identificação para o caso dela se perder ou precisar de ajuda.

Entrevistamos também um rapaz de 39 anos, pai de uma filha de sete, recém-separado de sua esposa. Ele já teve alta do serviço de saúde, mas participa ativamente do projeto carnaval. Trabalha com bolsas, carteiras, couro de maneira geral, e parece que atualmente montou um pequeno negócio próprio nesse ramo. Na confecção das fantasias parece haver se especializado no corte.

Um caso bastante representativo dos resultados do trabalho do CECCO Jaçanã de maneira geral e do projeto carnaval especificamente é o de um senhor de aproximadamente 45 anos que apresenta pequena deficiência mental. Vive com os pais e um irmão menor que também apresenta algum grau de deficiência mental. Muito tímido, e aparentemente bastante pobre, conta que sai muito pouco de casa, desde a infância, e que o pouco que tem de traquejo social adquiriu no projeto. Disse que antes era muito “nó cego, meio atrapalhado”. E que agora, embora ainda seja “meio atrapalhado”, já melhorou bastante. Segundo ele, seu irmão tampouco sai muito de casa, somente para ir ao médico, ou coisa parecida. Mas ele conta, também, que venceu a timidez e o medo para sair no carnaval, e que apesar de ter ficado um pouco assustado, gostou muito de participar do desfile. Ele é uma das pessoas vinculadas também ao projeto trabalho, de geração de renda.

Essas pessoas nos parecem uma mostra importante do detalhe do trabalho realizado junto àquela comunidade, da qualidade na identificação das diferentes dificuldades e possibilidades distribuídas pelas pessoas que compõem o grupo. Os mais antigos no grupo reclamam a perda do ambulatório, que para eles era “seu lugar”, onde se misturavam profissionais, pacientes e comunidade, formando um grupo de ação e trabalho em que as diferenças se diluíam no cotidiano e principalmente no evento final, o próprio carnaval, onde se misturavam finalmente com toda a população da cidade. Por isso depositam grande expectativa no aluguel do imóvel prometido pela prefeitura.

Talvez seja interessante também para o leitor deste documento um pequeno comentário sobre o público da X9. Conhecida como “escola de brancos”, a quadra da X9 Paulistana fica localizada num local privilegiado da zona norte da cidade, e é freqüentada pela população das classes médias de bairros da região de Santana. Numa visita a evento de apresentação dos concorrentes a samba-enredo 2004, pudemos notar a presenças de famílias inteiras, população

bastante jovem e poucos negros, tal como indicava a fama da escola. Dizem que a X9 é um bom lugar para arranjar namorados porque são muitos estudantes universitários e pessoas de “bom” nível social. Infelizmente não foi possível, durante a visita de campo, conversar com os freqüentadores para conhecer sua opinião sobre a Loucos pela X.

Considerações finais

Na perspectiva adotada pelo município de São Paulo, orientada pelos princípios da Reforma Psiquiátrica, e coerente com a política adotada hoje pelo Ministério da Saúde, as soluções no campo da saúde mental passam necessariamente pela inserção social, o que não é uma tarefa apenas dos serviços de saúde, mas de toda a sociedade. Entende-se aqui que reabilitar pacientes nunca será suficiente se eles continuarem sendo discriminados e excluídos do convívio social.

Nesse quadro, os CECCOS, articulados com os serviços de saúde, inovam na medida em que podem garantir a realização de ações, por parte do poder público, que abram caminhos concretos, pertinentes a cada território, (entendido sempre também no seu sentido social, ou das relações socioespaciais), tanto para a prevenção de novos casos como para a inserção social da população já atendida pelos serviços de saúde mental do município. Nesse cenário, os CECCOS aparecem como uma medida coerente com a proposta da prefeitura para a área, demonstrando sua relevância para a criação de caminhos concretos e a formação de parcerias com os demais setores da sociedade que garantam a plena inserção social das pessoas portadoras de transtornos mentais. Além disso, a criação de oportunidades concretas de trabalho, principalmente numa cidade como São Paulo, onde o trabalho orienta grande parte das relações sociais, é um elemento importante da própria identidade das pessoas, e o poder público tem aqui um importante papel a desempenhar.

A história da ala *Loucos pela X* demonstra claramente a qualidade do trabalho realizado pelas equipes de saúde mental da zona norte e noroeste da cidade de São Paulo, mas demonstra também a fragilidade institucional das propostas enunciadas. A história das casas, tanto a do CAPS/Hospital Dia21, como a do CECCO, preocupam pela baixa institucionalização e agilidade das ações e medidas. Por outro lado, como declara o ex-psiquiatra do grupo, em alguns casos a desconstrução é necessária para permitir a emergência do novo.

²¹ O atual diretor do CAPS, Dr. Leo, relata que esse equipamento foi instalado no imóvel onde se encontra somente devido à alteração no desenho das subprefeituras e dos distritos de saúde na região, e o imóvel, que já havia sido alugado pela prefeitura para o funcionamento da sede do distrito, ficou sem utilização imediata, situação que foi aproveitada para a instalação do CAPS/Hospital-Dia

No projeto visitado, a emergência do novo na saúde mental da cidade de São Paulo já é uma realidade.

Alguns poderão argumentar que o projeto carnaval apresenta tímidos resultados quantitativos, se comparados às dimensões do problema na cidade. Mas é impossível desconsiderar a importância da conquista, tanto para as pessoas diretamente envolvidas, como para a consolidação de políticas públicas que garantam a inserção social e a cidadania para todos os grupos sociais, inclusive para as pessoas portadoras de transtornos mentais. Nos parece bastante inovadora a criação de um órgão público cujo principal objetivo é abrir portas na sociedade para a entrada e livre circulação de populações tradicionalmente excluídas, como é o caso dos pacientes de saúde mental.

Este parece ser um outro momento da Luta Antimanicomial no Brasil. Com várias etapas já conquistadas, o momento agora é de apresentar propostas concretas de modelos substitutivos à internação. Todos já parecem convencidos de que a internação não é a medida mais adequada, mas a pergunta que surge é: diante disso, como atendê-los então? Quais são os desenhos possíveis para a garantia dos direitos dessa população?

Os CECCOs e a ala Loucos pela X respondem assim: com inserção social, aquilo que o projeto carnaval garante às pessoas, o direito de trabalhar, se divertir, fazer amigos e ser feliz. E de sair no carnaval da X9 vestido(a) de Oxum, ou com o Manto do Bispo do Rosário.

Bibliografia

ALMEIDA, Marco Antonio. O município e a saúde mental. In PAULICS, Veronika, Org. *125 Dicas – Idéias para a ação municipal*. São Paulo, Pólis, 2000.

ESCRIVÃO Junior, Álvaro e KUDZIELICZ, Elisabete. Implantação de um Sistema Integrado de Informação em Saúde e gestão da área de Tecnologia de Informação e Comunicação – TIC no município de São Paulo – Brasil. EAESP / PROAHSA. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, s/d. Disponível em: www.alass.org

MISOCVKY, Maria Ceci. Programa de saúde mental de Belo Horizonte: admitir que a loucura existe cria uma realidade. IN: FARAH, Marta, FUJIWARA, Luis e ALESSIO, Nelson (ORGs). *20 experiências de gestão pública e cidadania*. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 1999.

PAULICS, Veronika Anna Theodora. *Disseminação do Programa de Garantia de Renda Mínima no Brasil (1991 – 1997)*. São Paulo, FGV/EAESP, Dissertação de Mestrado em Administração Pública e Governo, 2003.

Páginas visitadas na internet

- Asociación latina para el análisis de los sistemas de salud - www.alass.org
- Fundación Proa - www.proa.org
- Instituto Franco Basaglia - www.ifb.org.br
- Pólis – Institutos de estudos, formação e assessoria em políticas sociais - www.polis.org.br
- Prefeitura Municipal de São Paulo - www.prefeitura.sp.gov.br
- Universidade de São Paulo - www.usp.br

Atividades da visita de campo, realizada por Janaina Mattos e Verena Pinto**Período de 09 a 22 de agosto**

- Reunião com equipe do projeto: Carlinhos e Cleusa, ambos funcionários administrativos; Fernanda, terapeuta ocupacional do CECCO Freguesia do Ó e membro da Associação 18 de maio; Kátia, psicóloga e auxiliar de chefia; Simone, também psicóloga e coordenadora do CECCO Jaçanã-Tremembé; Teresa, auxiliar de enfermagem.
- Almoço com Roberto Tykanori e Cristina Pandjarian, da equipe coordenadora de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde, mais Simone, Kátia.
- Reunião com Lucas Pinto, carnavalesco da X9, no barracão da escola, mais Simone, Kátia.
- Conversa, Simone, Kátia, Verena e Janaina, com dois usuários do CECCO.
- Reunião com o grupo da ala Loucos pela X, na casa onde foram confeccionadas as fantasias de 2003, e que eles chamam de barracão. Entrevistamos as pessoas, assistimos a uma gravação do desfile de 2003 e vimos as duas fantasias. Estavam presentes, além dos usuários entrevistados e nós do PGPC, as coordenadoras do projeto, Simone e Kátia, e Mônica, fonoaudióloga da equipe do CECCO Freguesia do Ó
- Almoço com Simone, Kátia. Visita à casa que a prefeitura está alugando para o CECCO Jaçanã-Tremembé no jardim Guapira, com Simone.
- Visita a evento na quadra da escola GRCEX X9 Paulistana: apresentação dos concorrentes a samba-enredo de 2004.
- Visita ao CECCO Freguesia do Ó. Conversa com fonoaudióloga, com assistente social da equipe e com uma usuária do serviço.
- Reunião com Dr. Leonídio Galvão dos Santos, ex-diretor do ambulatório, atual diretor do CAPS e assessor, para a área da saúde mental, do coordenador de saúde do distrito de Jaçanã-Tremembé.